

## ***O ódio dedicado: algumas notas sobre a produção de Ferréz***

Benito Martinez Rodriguez

A partir da publicação do romance *Cidade de Deus*<sup>1</sup>, de Paulo Lins, ganhou novo impulso no cenário editorial e visibilidade nas esferas letradas, inclusive no meio universitário, certa produção textual oriunda de setores tradicionalmente excluídos do sistema literário brasileiro, sobretudo como sujeitos da escrita, que se dedicam em seus escritos a produzir representações literárias da experiência dessas próprias comunidades. Há, decerto, antecessores importantes que merecem ser considerados, de modo a dimensionar o significado da produção mais recente, bem como compreender as condições de sua emergência. Obras muito diferentes entre si como as de Luiz Gama, de Solano Trindade e de Carolina Maria de Jesus, para ficar em um punhado de exemplos, oferecem oportunidades para a problematização de questões como auto-representação, escrita marginal, afirmação identitária e inserção nos circuitos letrados canônicos e mercadológicos. Historiar a apropriação e elaboração da palavra impressa por sujeitos fora dos circuitos letrados hegemônicos no Brasil é um empreendimento apenas encetado<sup>2</sup>.

As relações entre fenômenos importantes da segunda metade do século XX, tais como a intensa urbanização e o crescimento das taxas de alfabetização e escolaridade, atingindo pela primeira vez na história do Brasil amplos setores das populações pobres e socialmente marginalizadas, ainda não foram satisfatoriamente articuladas à compreensão desta produção tornada mais visível para o leitorado tradicional apenas no

---

<sup>1</sup> Além da chancela de uma importante casa editorial, a Companhia das Letras, teve grande significação na recepção deste romance no meio acadêmico a calorosa resenha crítica que lhe dedicou Roberto Schwarz: “Uma aventura artística incomum”, publicada no caderno *Mais!*, do jornal *Folha de São Paulo*.

<sup>2</sup> Algumas referências sobre estudos que contribuem para a compreensão de aspectos desta produção podem ser encontradas em meu artigo “Mutirões da palavra: literatura e vida comunitária nas periferias urbanas” pp. 47-61.

decorrer da década passada. Outro aspecto a ser associado a tal reflexão é o das relações entre formas de expressão da palavra cantada e dos circuitos de leitura e escrita nas comunidades urbanas mais pobres. Embora haja um considerável volume de estudos sobre trânsitos entre literatura e formas de canção popular urbana, ainda escasseiam as investigações que procurem articular – seja contrastando, seja aproximando – o *rap* e a literatura dos “novos marginais”.

A produção de Ferréz, pseudônimo de Reginaldo Ferreira da Silva, renova a demanda pela discussão de problemas como os da “autenticidade” de tais vozes, das dinâmicas que nelas se desenham entre “documento”, “testemunho” e “invenção”, bem como a questão do(s) valor(es) – mercadológico, estético, político – negociado(s) em tais textos. O recente lançamento de um CD com letras de *rap* de autoria de Ferréz<sup>3</sup>, reforça a sugestão acima apontada de um exame dessa produção desde a perspectiva dos trânsitos e transações entre palavra impressa e palavra cantada.

Por ocasião do *II Colóquio Sul de Literatura Comparada / Encontro ABRALIC* (UFRGS, 2003) e logo depois do *I Simpósio Internacional de Literatura Brasileira e Hispano-Americana Contemporânea* (UnB, 2003), examinando o romance *Capão pecado*<sup>4</sup>, de Ferréz, bem como as duas primeiras edições da publicação *Literatura marginal*<sup>5</sup>, coletâneas editadas sob a direção do mesmo autor, esbocei a noção de “literatura de mutirão”. O caráter coletivo, cooperativo e de afirmação identitária de ambos os empreendimentos – o romance e as revistas –, bem como a natureza heteróclita do projeto gráfico e do material editado em ambos os casos, sugeriu-me essa idéia de ler tais textos pela chave de sua relação com as comunidades no interior das quais eles são produzidos, em conexão com os modos de apreensão e inserção destes escritos no quadro das grandes cidades brasileiras. O termo evoca, não sem uma ponta de ironia, a utilização mais ou menos consagrada em nossa área de estudos de categorias estético-arquitetônicas e urbanísticas como “art-nouveau” e “art-decô”

---

<sup>3</sup> Ferréz (pseud. de Reginaldo Ferreira da Silva). *Determinação*.

<sup>4</sup> Id., *Capão pecado*.

<sup>5</sup> *Literatura marginal: a cultura da periferia*. São Paulo, Ed. Casa Amarela. Até o presente momento foram lançados três números desta publicação: o primeiro em 2001, o segundo em 2002 e o terceiro em junho de 2004.

para designar certas dicções literárias vigorosas na passagem do século XIX para o XX e nas décadas iniciais deste. No caso do “mutirão”, o olhar se desloca do coração dos então renovados e elitizados centros urbanos para as periferias das grandes aglomerações de nossos dias. De todo modo, num e noutro casos, a operação crítica busca rastrear afinidades entre os modos de percepção e elaboração da experiência urbana na escrita literária, não apenas naquilo que as categorias arquitetônicas ou urbanísticas pudessem oferecer como analogia descritiva, mas, sobretudo, como estratégias de representação das formas de sociabilidade, de experiência cultural e elaboração verbal constituídas no quadro das grandes metrópoles brasileiras. Se uma expressão como “literatura art-nouveau” pode ser mais do que uma simples metáfora, como se vê no rendimento crítico que José Paulo Paes consegue extrair desta idéia, tornando possível relacionar os “ornatos verbais” de certa produção por ele examinada com o desenvolvimento contemporâneo das artes decorativas cada vez mais integradas aos processos de produção e consumo massivos na transição do século XIX para o XX<sup>6</sup>, a fórmula “literatura de mutirão” igualmente poderia ir além da simples analogia, tocando em questões como as da fragmentação/dissolução da concepção de autoria, da natureza heteróclita das linguagens, dos repertórios e dos procedimentos mobilizados em sua composição, bem como em seu caráter “marginal” com relação aos circuitos tradicionais de produção e circulação de nossa cultura literária.

Nesse sentido, a apreciação crítica de tais trabalhos reclama uma reavaliação de nossos critérios de valoração estética. Isso não significa examiná-los com condescendência, mas sim reconhecer a necessidade de problematizar nossos conceitos do que sejam valor estético e eficácia composicional, bem como daquilo que constitua sentido na produção literária, em termos análogos ao esforço de reavaliação dos critérios, tanto estéticos quanto técnicos, empreendido por arquitetos, engenheiros e urbanistas a partir das décadas de 1970/1980 com relação aos procedimentos construtivos e de ocupação do espaço urbano adotados pelas comunidades populares. Tal reavaliação de critérios tornou possível, no caso das questões urbanísticas e arquitetônicas, atribuir sentido e

---

<sup>6</sup> Cf. Paes, “O art-nouveau na literatura brasileira”, em *Gregos e baianos*.

valor afirmativo a formas de apreensão do espaço e operação construtiva pelas comunidades populares nas grandes cidades brasileiras até então lidas como simples desordem e precariedade<sup>7</sup>.

Está claro que, como no caso da ocupação do espaço urbano, sempre haverá o risco de, por razões diversas, erigir a precariedade como referência, “celebrando” insuficiências como se elas representassem conquista ou resultassem de um esforço deliberado de busca e experiência. Nos escritos de colaboradores antologiadados nos cadernos *Literatura marginal* é possível reconhecer a consciência de alguns destes autores quanto aos impasses e desafios que o trato com a palavra representa para cada um deles, seja por conta das dificuldades de acesso a repertórios de leitura variados, das insuficiências do sistema educacional, das limitações dos acervos disponíveis em suas próprias comunidades, ou ainda dos escassos interlocutores com os quais podem ali partilhar suas questões:

Infiltrei um marginal em cada universidade para mostrar do que somos capazes  
Dou de presente  
Uma Língua Portuguesa diferente, aprendida no gueto  
Poesia marginal e o Chico Buarque da periferia  
E haverá um dia em que chegarás perto do belo,  
Este mesmo que as estatísticas quiseram apontar como feio  
Aprenderás o que é o anseio à flor da pele  
Dou de presente  
Sem teto, sem pão, sem inglês, sem francês, sem computador...<sup>8</sup>

Tal consciência da escrita e de seus impasses, posta em outros termos, pode ser igualmente reconhecida na busca de uma dicção própria nos escritos do *rapper* Cascão, ou ainda na contribuição de José Rocha Albuquerque, um ajudante de pedreiro cujos textos, dois poemas e uma carta com registros confessionais, integram-se a partir da idéia dos meios pelos quais se pode edificar sentido a partir da precariedade:

---

<sup>7</sup> Tais questões estão melhor desenvolvidas em meu artigo antes citado (ver nota 2).

<sup>8</sup> Canto, “Um presente para a elite brasileira”, em *Literatura marginal: a cultura da periferia* – Ato II, p. 11.

# UMA CARTA EM CONSTRUÇÃO

Há algum tempo escrevo poemas com as mesmas mãos com que trabalho de ajudante de pedreiro.

Pra muita gente pode parecer exótico, pode parecer surreal. Mas o que tem de estranho? Pobre não tem sensibilidade? Não pode escrever, desenhar, pintar, interpretar?

E, se eu fosse catador de papelão, mudaria alguma coisa? Se trabalho como ajudante de pedreiro não é por opção e sim por falta dela. [...]

## MÃOS CALEJADAS

Carregam tijolos

Misturam a massa

A roupa suja

O rosto suado

Minhas pernas cansadas

Carregam meu corpo

Me misturo com a massa

Com a massa

Sozinho em meus pensamentos

No ônibus comenta-se a novela

Tem jogo na televisão?

Será que a vida é só isso?

Não temos direito a mais nada?

Todos estão contentes?

Infelizmente eles não sabem

O quanto são úteis

Pensando dessa forma

Isso me dói<sup>9</sup>.

Na carta em que se apresenta aos leitores, reivindicando o direito à escrita literária, José Rocha Albuquerque especula com sarcasmo se uma ocupação como a de “catador de papel” seria menos “inadequada” para um poeta do que os ofícios da construção civil com os quais ele ganha a vida. Trabalhos braçais, em ambos os casos estigmatizados no quadro social, a menção à atividade do catador de papel acrescenta porém um dado retórico significativo ao comentá-

<sup>9</sup> Em *Literatura marginal: a cultura da periferia* – Ato II, p. 4.

rio biográfico. Aos pobres, como José Rocha Albuquerque, a relação com o papel, vale dizer, com a cultura impressa, limitar-se-ia a coletar seus fragmentos descartados e negociá-los a peso. Por oposição a tal expectativa suposta no interlocutor, no seu poema transcrito acima, afirma-se a voz de um operário da construção cuja subjetividade se mistura à massa de seu próprio ofício. Tal massa, por sinal, é também a condição à qual seus companheiros de viagem – e o próprio poeta – são convidados a diluir-se indistintamente. As indagações que preparam o fecho do poema abrem caminho para, ao menos, duas possibilidades de leitura: a consciência do poeta destaca-se “da massa”, demarcando uma posição de superioridade com respeito aos que se entregam à alienação, resultando o poema em um juízo severo da atitude dos que seguem “pensando dessa forma”; contudo, é também possível ler na dor que emerge no verso final uma dúvida quanto aos limites desta mesma reflexão: “Todos estão contentes?” seria, nesse sentido, mais do que uma pergunta retórica, atenuando o tom sentencioso dos versos precedentes. De fato, a combinação entre o título do poema “Mãos calejadas” e o seu fecho, “Pensando dessa forma / Isso me dói”, a um tempo amarra os elementos de sentido mobilizados na composição do texto e sustenta a tensão de ambas as possibilidades de sentido antes apontadas.

No caso específico de Ferréz, a passagem de uma pequena editora em formação, por meio da qual lançou seu romance de estréia em 2000, para a portentosa Objetiva, responsável pelo lançamento de seu segundo romance no final de 2003, assim como o flerte recente com o mercado fonográfico, dão conta dos variados tipos de tensões, negociações e novas possibilidades e desafios experimentados pelo autor nos meses recentes. A casa de alvenaria sem acabamento externo, com lajes superpostas de modo mais ou menos errático, ao sabor das disponibilidades de espaço, material, tempo e conhecimento técnico, com interior bem mais acabado, com revestimentos azulejados, reboco e pintura vibrante, pode fazer bonito na encosta do morro ou no fundo de vale, constituindo-se em marca de realização e *status* no contexto de sua comunidade. Transladada para vizinhanças mais aburguesadas, por quais critérios se poderia compreender tal edificação? Quais sentidos ela reteria de seu contexto anterior? <sup>10</sup>. Se é verdade que o autor esteve

entre os convidados da recente *Festa Literária de Parati*, tendo causado vigorosa impressão, segundo o noticiário<sup>11</sup>, é certo também que foi o único dos escritores que teve como companheiro de sessão e debatedor um sociólogo.

Se a incorporação de novas técnicas composicionais ao seu trabalho de ficcionista, notável na comparação entre o primeiro e o segundo de seus romances, e também perceptível no exame de seus escritos publicados na revista *Caros Amigos*<sup>12</sup> ao longo dos últimos três anos, aponta para um adensamento dos meios de expressão e do tratamento na representação dos conteúdos em seus trabalhos, por outro lado, as pressões por adequação ao perfil do mercado e ao papel de “porta-voz autêntico” dos desvalidos junto ao público letrado segue sendo uma armadilha considerável.

Veja-se, a propósito, “O Plano”, narrativa de Ferréz disponibilizada na página do Instituto Cultural Itaú<sup>13</sup>. Nela confluem de forma quase indistinta registro confessional, documento e exercício de ficcionalização, em operação favorecida pelo formato de crônica. Adotando tom coloquial, em exercício de monólogo interior, o texto põe-se em contínua interlocução com o leitor:

Não me admira que o plano funcione, os pensamentos são vadios, afinal essa é a soma de tudo, quem? O rei do ponto? Esse tá sossegado, só contando o dinheiro, informação? Não! O povo é leigo, não entende, então não complica, o assunto na favela, só *Casa dos*

<sup>10</sup> Dentre as diferenças que se pode apontar entre a concepção gráfica de *Capão pecado* e *Manual prático do ódio*, talvez a mais notável seja a substituição da extensa lista de agradecimentos que precede o corpo do texto no romance de estréia pela enumeração de trinta e cinco nomes de membros da sua comunidade já mortos, anotados no segundo romance.

<sup>11</sup> Veja-se o noticiário da edição on-line de *O Globo*, no dia 11 de agosto de 2004, “Ferréz e José de Souza Martins dão leveza à mesa sobre exclusão social na Flip”, que se abre com a seguinte observação do jornalista Mauro Ventura: “O tema era pesado – “Exclusão social: fato & ficção” – mas o escritor Ferréz e o sociólogo José de Souza Martins conseguiram dosar seriedade e bom humor numa das mesas mais aplaudidas da Flip”.

<sup>12</sup> Desde 2001, Ferréz é colaborador regular da revista mensal *Caros Amigos*, publicada pela mesma editora através da qual viabilizou-se a edição dos três números das coletâneas *Literatura marginal: a cultura da periferia*. No espaço que lhe cabe, Ferréz alterna a publicação de crônicas em registro confessional, poesia, artigos de opinião e fragmentos de corte mais tipicamente ficcional.

<sup>13</sup> Disponível nos links relativos ao projeto “Rumos – Itaú Cultural”.

*Artistas*, discutir na favela, só se o Corinthians é campeão ou não, nada contra; sabe, mas futebol não é arte, futebol é bola e homens correndo. Pra mim num pega nada, desculpa quem gosta disso, mas é simples, é a regra da vida em simples lances, eu quero mais, quero regras complicadas, quero traços que tragam uma época que talvez não vivi, mas sinto, quero palavras que gerem vida, desculpa aí, meu, mas eu não gosto disso aí, pra mim nunca vogô nada, nunca entendi, nunca participei, só sei que muitos de que gostei morreram por isso, mas nunca entendi por que morrer por isso.

O meu povo é assim, vive de paixão, o ideal revolucionário também é pura paixão, muitos amam Lucimares, muitos amam Marias, Josefás, Dorotéias, e na transubstanciação da dor um tiro mata um empresário no posto, o plano funciona.

E quer saber?

NINGUÉM É INOCENTE EM SÃO PAULO

Somos culpados.

Culpados.

Culpados também.

O mundo em guerra e a revista *Época* põe o Bam Bam do Big Brother na capa, mas que porra de país é esse?

Ah! É verdade, o plano funciona.

O reconhecimento da complexidade da vida em contraposição à relativa simplicidade do futebol parece refletir-se tanto nos efeitos expressivos da linguagem empregada, que acumula aliterações e paralelismos – “Pra mim num pega nada, desculpa quem gosta disso, mas é simples, é a regra da vida em simples lances, eu quero mais, quero regras complicadas, quero traços que tragam uma época que talvez não vivi, mas sinto”, quanto na problematização, por meio de uma gradação, dos papéis dos diversos atores sociais envolvidos no processo: “NINGUÉM É INOCENTE EM SÃO PAULO [...] Somos culpados. Culpados. Culpados também”.

Um cotejo entre os recursos empregados na composição textual em *Capão pecado* e no *Manual Prático do ódio* permitiria reconhecer inúmeras diferenças entre a fatura de um e outro romances, com nítida ampliação das técnicas e avanço na utilização de procedimentos narrativos no último com relação ao trabalho anterior. A opção por fragmentar a perspectiva, buscando oferecer ângulos diversos para o desenvolvimento da narrativa, a problematização dos papéis ficcionais, afastando-se do maniqueísmo do romance de estréia, as nuances na representação das personagens femininas, especial no caso da personagem Aninha, refletem um autor que busca combinar repertórios e



recursos, em alguns casos, apenas recentemente assimilados.

Em entrevista concedida ao jornalista e pesquisador Marcos Zibordi<sup>14</sup>, Ferréz comenta suas fontes e referências literárias, enumerando um rol amplo e bastante heteróclito de autores: Tchecov, Herman Hesse, Bukowski e os beatniks, João Antonio e Plínio Marcos, mas também Drummond, Fernando Pessoa e mesmo Flaubert, sem perder de vista a idéia de ler Shakespeare no futuro: “eu não li Shakespeare ainda porque eu sempre achei meio chato, tá ligado? Mas eu vou ler ainda Shakespeare”.

Quanto aos repertórios, a presença das epígrafes extraídas dos *Salmos* no segundo romance de Ferréz, assim como sua recente investida pelo território dos *rappers*, com o lançamento de seu próprio CD – que, registre-se, conta com as prestigiosas participações de Arnaldo Antunes e de Chico César, assim como o romance *Capão pecado* contara com uma “participação especial” de ninguém menos do que Mano Brown, dos *Racionais MC's* – aponta para estes dois grandes repositórios de tradição no trato com a palavra nas comunidades periféricas: o texto bíblico<sup>15</sup> e a atividade dos MC's.

Assim, a convivência entre construções verbais e vocabulário solenes, e não raros episódios de hiper-correção com relação à norma culta escrita e os ritmos e registros da mais franca oralidade, adoção de grafia pseudo-fonética e profusão de gíria “das quebradas”, parecem refletir uma combinação de matrizes relevantes não apenas na formação do próprio escritor, mas sobretudo do público das comunidades periféricas ao qual ele também dirige seu trabalho.

Na entrevista antes citada, provocado por Marcos Zibordi, Ferréz esboça uma reflexão que reflete uma das dimensões do público que tem em mente com seus escritos:

Marcos Zibordi: Interessante você falar sobre isso, porque várias pessoas que têm proposta pra periferia – políticos, estudiosos, muitos até bem-intencionados, um monte de gente – dá impressão que eles acham que a periferia precisa mais de pão. Você acha que a periferia precisa mais de pão ou mais de livro?

<sup>14</sup> “O escritor Ferréz, autor de *Capão Pecado*, fala da periferia e de seus projetos”, em *Revista Sem Terra*. Agradeço a Marcos Zibordi a gentileza de franquear-me acesso em primeira mão a este material.

<sup>15</sup> A propósito do papel da Bíblia na formação da leitura em circuitos como os de Ferréz ver: Zibordi, *Jornalismo alternativo e literatura marginal em Caros Amigos*. Ver em especial os capítulos 4 e 5.

Ferréz: Mano, eu vou falar procê, os moleques aqui só comem pão, é só pão, tá ligado? O moleque vai na padaria e compra dez pães, eles fica comendo pão o tempo inteiro: pão com ovo, pão com carne, pão com mortadela, pão com manteiga. É a verdade. A gente tem pouco arroz com feijão, menos ainda bife, é só pão. Eu acho que tem que ter o Fome Zero e tem que ter agora o projeto que os caras criaram, o Fome de Livro, entendeu? Tem que ter mano! A gente foi até pro Rio negociar junto com os representantes do Gilberto Gil isso aí, tentar ajudar. A gente já arrastou a biblioteca pra periferia. Se for ter o Fome de Livro, vai ter o Fome de Livro na Quebrada, vai ter as bibliotecas nas periferia. E tem que ter: tem que ter as duas coisas; tem que ter pão, mas tem que ter o livro também. E menos circo, porque tudo é circo, tudo é show. Se de cada dez shows desses aí, um fosse palestra, você ia ver como a coisa mudava. Porque os caras iam trocar idéia mesmo, debater.

[...]

Ferréz: [...] O que eu acho é o seguinte: a gente tenta lançar, e a revista é toda feita pra isso, pros moleques começar a ler; então tem o desenho, ela tem os textos grandes, tá ligado? Tudo que a gente bola é meio pra atrair o moleque. A capa atrai, é pra ele tentar se ver na capa... Isso é a vontade de pegar mais leitor, mano; a gente que é escritor é uma fábrica de leitor; se a gente não pegar leitor, a gente não tá cumprindo nosso papel, tá ligado?

M.Z.: Mas, Ferréz, cê acha que dá pra cumprir esse papel com uma edição que custa sete reais?

Ferréz: Cara, eu acho que tem que começar a cumprir esse papel com a edição que é boa. Eu não posso pegar e falar pro moleque *ó, toma um fanzine de um real e tenta se achar aqui*, tá ligado? Aí o moleque vai comparar com a *Caras*, ele vai ver e diz: *Putá! a [revista] Caras é muito loca, olha as foto loca, desenho loco, a Literatura marginal é mó fanzine vêio que custa um real, vai si fudê, eu sou a Caras...*, entendeu? Então eu sempre acreditei nisso: é uma pena custar sete reais, tá ligado?; mas ele vai saber que vai pagar sete reais e vai ter um *bagulho* bom: ele vai ter desenho colorido, ele vai ter um texto bom, corrigido, tá ligado?; eu nunca acreditei em fazer coisa pobre só porque é gente pobre que escreve. A gente mora perto do lixo, mas nós não somos lixo, tá ligado? Então é a mesma coisa com a *Literatura marginal*: é sobre favelado? É. Só que não é só isso não, tá ligado? A gente não aceita os preceitos que os caras querem jogar sobre nós, entendeu? Acho que é um posicionamento... é uma postura mesmo, tá ligado? E depois a gente sai distribuindo isso aí de graça numa pá de lugar; o estoque que volta, a gente depois distribui na comunidade; esses sete reais vêm de quem pode financiar, do público da [revista] *Caros [Amigos]*, que pode financiar aqueles que não pode comprar, entendeu? Então a gente depois joga pros moleques de graça e já era.

No entendimento de seu idealizador, as edições de *Literatura marginal* destinam-se, antes de mais nada, a um empreendimento de formação de leitura dos jovens da periferia. Para tanto, os aspectos gráficos, assim como a presença de diversos *rappers* entre seus colaboradores constituem estratégias conscientemente adotadas para tal fim, que se articulam a outras espécies de iniciativa, como os empenhos na obtenção de acervos para compor bibliotecas comunitárias. Se é possível ler na associação que Ferréz faz entre “preço” e “qualidade” da revista a incorporação da lógica fetichista que seu discurso tanto se empenha em rechaçar, é também possível ler em tal associação uma das dimensões da própria estratégia de comunicação com o público jovem da periferias. Uma pista disso talvez esteja na observação sobre o fato de os leitores de classe média de perfil ideológico à esquerda, público característico da revista *Caros Amigos*, co-editora e distribuidora da publicação organizada por Ferréz, ao adquirirem os exemplares a preço de capa – correspondente a R\$ 7,00 na edição mais recente – viabilizarem a tiragem de 20 mil exemplares e ainda subsidiarem a distribuição gratuita de exemplares para aqueles que efetivamente não podem pagar pela revista.

Ferréz não desconhece igualmente os possíveis significados de sua projeção pública na esfera do debate letrado para os membros de sua própria comunidade. Na recente edição da *FLIP*, o autor disse:

– As mães passam com os moleques e apontam. “Ta vendo aquele ali? É escritor”. Vê se estuda, vai aprender a ler”, dizem, enquanto dão uns cascudos neles – contou, provocando risadas da platéia.

Ferréz falou ainda de como, por conta própria, motivou-se a virar escritor e narrou as abordagens da polícia:

— A polícia pára e pergunta: “Você está armado?”. Digo que sim, que estou, com porte legal de inteligência. Pobre com inteligência eles acham suspeito<sup>16</sup>.

Deixando de lado a expressiva reação da platéia, note-se a ênfase na construção de uma auto-imagem afirmativa, audaciosa, capaz de confrontar a desqualificação e desconfiança oficiais e capaz de servir como modelo para os jovens de sua própria comunidade. Tal estratégia

<sup>16</sup> Transcrito da edição on-line de *O Globo*, “Ferréz e José de Souza Martins dão leveza à mesa sobre exclusão social na Flip”.

pode ser lida, é certo, como simples reprodução de estratégias típicas do mercado massivo de bens simbólicos: construção enganosa de uma auto-imagem cheia de poder, centrada na assimetria entre o “artista”, figura excepcional em seu contexto, e seu “público”. Por outro lado, tal estratégia poderia ser lida igualmente como procedimento em sintonia com mecanismos sistematicamente mobilizados por *rappers* em suas trajetórias artísticas. Veja-se o caso do *Racionais MC's*. A sistemática resistência do quarteto paulistano em emprestar sua imagem ao grosso dos meios de comunicação de massa funcionou, em especial a partir do lançamento de seu álbum *Sobrevivendo no inferno*, em 1997, como forma de intensificação do interesse do público das classes médias por seu trabalho. Para o público da periferia, o caráter de afirmação identitária e o tom confessional que as letras sugerem, reforçam a eficácia do procedimento de construção de uma auto-imagem afirmativa que se faz na contramão das representações oficiais da juventude das periferias metropolitanas, dividida nos discursos correntes dos *mass media* entre as “vítimas indefesas” – e cuja defesa seria impossível, pela inoperância crônica do Estado e pela virulência do crime organizado – ou agentes da própria violência, “maus por natureza”, ainda uma vez irrecuperáveis para o convívio social. Não é casual a recorrência com que aparecem nas letras dos *Racionais MC's* citações paródicas de slogans publicitários, convertidos em esforço de auto-afirmação:

A primeira faz bum, a segunda faz tá  
Eu tenho uma missão e não vou parar  
O meu estilo é pesado e faz tremer o chão  
Minha palavra vale um tiro, eu tenho muita munição<sup>17</sup>.

Além de remeter diretamente à própria trajetória artística do grupo pela formulação do título – tratava-se do quarto álbum da carreira do grupo, e da terceira faixa daquele trabalho – o trecho reelabora a estratégia da famosa campanha publicitária das lâminas de barbear em termos de uma representação da violência verbal como forma de resposta às diferentes formas de violência experimentadas pelos jovens da periferia. A

---

<sup>17</sup> “Capítulo 4, Versículo 3”, em *Sobrevivendo no inferno*.

mesma letra retorna ao esquema adotado em sua abertura para afirmar a superação dos limites e do destino a que eles estariam condenados da perspectiva do mercado:

Permaneço vivo  
Luzindo a mística  
27 anos, contrariando a estatística  
O seu comercial de TV não me engana  
Hã! Eu não preciso de status nem de fama  
Seu carro e sua grana já não me seduz  
E nem a sua puta de olhos azuis!  
Eu sou apenas um rapaz latino-americano  
Apoiado por mais de 50 mil manos!  
Efeito colateral que seu sistema fez  
Racionais, capítulo 4, versículo 3.

Contra o discurso recorrente da publicidade, que converte desejos em mercadorias desfrutáveis para quantos possam por elas pagar, o discurso destes *rappers* afirma-se como alternativa, ancorada no apoio que viria sobretudo das próprias comunidades – os “50 mil manos” –, sem perder de vista uma articulação com outras tradições de palavra cantada, como as da própria música popular massiva da década de 1970<sup>18</sup>.

Impasses, desafios, soluções instigantes, arremedos de panfleto, um bocado de tudo isso parece acumular-se diante de nossos olhos, enquanto sobem as paredes de exemplares do *Manual prático...* no estande da editora Objetiva, na mais recente Bienal do Livro em São Paulo. Convites para conferências em universidades, comunidades populares e na *Festa Literária de Parati...* Para um rapaz que há cinco anos atrás entrava na maioria legal arrolando em seu currículo as credenciais de balconista, vendedor de vassouras, auxiliar-geral e arquivista, é um movimento e

<sup>18</sup> A estratégia de máxima exposição aos mass media adotada pelo rapper paulistano XIS, em muitos sentidos oposta à dos Racionais MC's revela, de todo modo, uma percepção aguda das tensões que permeiam o campo da produção e circulação dos bens simbólicos nas sociedades de massa, com desdobramentos bastante significativos no plano da composição de seus trabalhos. De resto, as diferenças de estratégia não deveriam elidir a intensa cooperação entre XIS e KL Jay, integrante dos Racionais, que com o rapper mantém uma série de empreendimentos comuns, inclusive um selo fonográfico dedicado à promoção de jovens artistas da periferia.

tanto. Tornado possível precisamente por sua determinação em seguir escrevendo e publicando, e as peculiares condições do circuito editorial e letrado que possibilitaram tal empreendimento... E dizer que até os inícios da década passada um escritor atento e sensível como José Paulo Paes ainda escrevia que no Brasil, escrever literatura ainda era uma marca de distinção de classe, atividade feita quase que exclusivamente com os olhos e as aspirações postas no registro erudito, fosse qual fosse a estatura efetiva da obra projetada... A trajetória de um Ferréz seguramente nos coloca diante de outra ordem de problemas. Bem longe de quaisquer soluções facilitadoras.

## Bibliografia

CANTO, Cláudia. “Um presente para a elite brasileira”, em *Literatura marginal: a cultura da periferia – Ato II*.

FERRÉZ (dir). *Literatura marginal: a cultura da periferia*, São Paulo: Casa Amarela, n.º 1, 2001; n.º 2, 2002; n.º 3, junho de 2004.

\_\_\_\_\_. *Capão pecado*. São Paulo: Labortexto Editorial, 2000.

\_\_\_\_\_. *O plano*. Instituto Cultural Itaú. Disponível em [www.itaucultural.org.br](http://www.itaucultural.org.br), acesso em 20 de setembro de 2004.

ITAÚ CULTURAL. Projeto “Rumos – Itaú Cultural”, edital de 2004, consultado em [www.itaucultural.org.br](http://www.itaucultural.org.br), em 20 de setembro de 2004.

LINS, Paulo. *Cidade de Deus*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

PAES, José Paulo. “O *art-nouveau* na literatura brasileira”, em *Gregos e baianos*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

RODRIGUEZ, Benito Martinez. “Mutirões discursivos: literatura e vida comunitária nas periferias urbanas”, em *Estudos de literatura brasileira contemporânea*. Brasília, n.º 22, julho/dezembro de 2003, pp. 47-61.

SCHWARZ, Roberto. “Uma aventura artística incomum”, Caderno Mais!, do jornal *Folha de S.Paulo*, 7 de dezembro de 1997.

VENTURA, Mauro. “Ferréz e José de Souza Martins dão leveza à mesa sobre exclusão social na Flip”. O *Globo on-line*. Disponível em <http://oglobo.globo.com/especiais/sbpc/default.htm>, acesso em 11/08/2004.

ZIBORDI, Marcos Antonio. “O escritor Ferréz, autor de *Capão Pecado*, fala da periferia e de seus projetos”, em *Revista Sem Terra*. São Paulo, ano VI, n.º 25, Julho/Agosto de 2004.

\_\_\_\_\_. *Jornalismo alternativo e literatura marginal em Caros Amigos*. Dissertação de mestrado orientada por Benito Rodriguez Martinez e Marco Antonio Maschio Chaga. Curitiba: UFPR, 2004.

### **Discografia:**

FERRÉZ. *Determinação*, Caravelas, 2004.

RACIONAIS MC's. "Capítulo 4, Versículo 3", em *Sobrevivendo no inferno*. São Paulo: Zimbábwe, 1997.

Recebido em setembro de 2004.

Aprovado em outubro de 2004.